

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC
LIVROS

Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO.....	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI.....	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA.....	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI.....	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS.....	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO.....	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO.....	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“Toda a pauta desta mídia (classista, racista, sexista, elitista...) versa sobre como “provar” que quem está por detrás dos movimentos sociais são pessoas desocupadas, vândalos improdutivos, oportunistas que não veem na livre concorrência a grande oportunidade para crescer na vida.”

TÂNIA CRISTINA CRUZ

Hoje é mais difícil diluir ou violentar direitos populares

Rodolfo Ward¹

Tânia Cruz é militante social e cresceu na Ceilândia-DF. Superou adversidades e hoje é Professora Adjunto da Universidade de Brasília possuidora de vasta experiência nas áreas de: Sociologia do Trabalho com ênfase em Gênero e Economia Solidária e as recentes Transformações do Mundo do Trabalho; Pesquisa Social e Desenvolvimento de Metodologias de Pesquisa Quantitativa e Qualitativa; Planejamento e Gestão Estratégicos. É licenciada em Ciências Sociais e bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília - UnB (1998). Entre 1995 e 1998, foi bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/CAPES). Também pela UnB, desenvolveu seu mestrado em Sociologia Política e do Trabalho (2001) e concluiu sua pesquisa de doutorado na área de Sociologia do Trabalho (2006), com a tese: Qual o teu trabalho, mulher? Mulheres empreendedoras no contexto da Economia Popular Solidária. Atualmente é Coordenadora do curso de Bacharelado em Gestão Ambiental (GAM/FUP) Campus Planaltina-DF. Membro do Programa de Pós Graduação (Mestrado) em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural Sustentável (MADER) atuando nas linhas de pesquisa em Desenvolvimento Rural Sustentável e Sociobiodiversidade, Educação e Políticas Públicas para o meio ambiente e campo.

¹ Mestrando em Artes Visuais pela Universidade de Brasília- UnB, Pós-graduando em Análise de Políticas Públicas pelo IPOL/UnB, Graduado em Comunicação Social, Autor da obra Wawekrurê: distintos olhares, editado pela Editora do Senado Federal e do livro Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na Comunicação, editado pela Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT. E-mail: rodolfoward.unb@gmail.com

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Vivemos em uma sociedade altamente diversa e os indivíduos que integram nossa sociedade possuem necessidades inseridas em realidades diferentes. Todavia, como bem sabemos, não é sempre que os interesses e necessidades de determinados grupos são supridos devidamente pelo Estado. Temos aqui a geração de um conflito de interesses e de divergências nas ações políticas. Por isso é que os movimentos sociais se tornam uma ferramenta de intervenção com amplo apelo popular. Tais movimentos são característicos de uma sociedade plural, que se constrói em torno do embate político por interesses coletivos e/ou individuais. Se eu puder aqui apontar uma palavra sinônima para “movimento social” eu diria que essa palavra seria um termo conjugado dos seguintes elementos: *ação coletiva efetiva*. Ou seja, o movimento social é uma ação coletiva relevante, impactante e legítima quando é direcionada a resolver um problema social (por exemplo: discutir e dirimir violências de gênero; apontar as desigualdades sociais e econômicas que vão desde a cobrança abusiva de uma passagem de ônibus à inserção de quaisquer indivíduos no sistema universitário...).

Em suma, os movimentos sociais tornam-se entidades de mediação, isto é, a ferramenta de maior intervenção que os grupos minoritários (falo aqui de minoridade política e/ou economia, uma vez que mulheres, negros, crianças e pobres foram um considerável contingente populacional) e desfavorecidos dispõem para buscar a garantia de seus direitos. É claro que a existência desses movimentos deve ser garantida dentro de um Estado democrático de direitos, legitimados por seus cidadãos/CIDADÃS e não por instâncias e pleitos estritamente burocráticos e sem capilaridade com o tecido social maior (o povo). No nosso caso, um país que passa por um regime militar, e que, como no nosso caso, viveu isso por vinte e um anos (1964-1985), não pode se furtar de retomar o diálogo com as bases populares bem como também não se sustenta democraticamente se não incorporar as demandas e anseios de vários outros setores da sociedade (tais como ONGs, OCIPS, igreja, terceiro setor...) que não atuam diretamente na organização do Estado. Do contrário, tal Estado continua a ser um ente fascista, autoritário, arbitrário, dissimulador de desigualdades e, na pior das hipóteses (tal qual vimos na América Latina dos anos de 50 a 90) um Estado que vai operar econômica e politicamente para as classes dominantes, no geral formadas por uma elite mesquinha e bárbara.

Uma mudança significativa sobre o papel de tais Movimentos Sociais está no alcance de tais demandas sociais por intermédio das redes sociais. Não tenho dúvidas que hoje é muito mais difícil diluir ou violentar direitos e demandas populares visto o imenso painel de articulações mediadas a partir dessa nova comunicação em escala global e orgânica. Um bom exemplo é que é possível integrar apelos e demandas locais a nível nacional. Volto a destacar a “revolta dos 0.05” de 2014... o país foi provocado em escala territorial e se juntou a estudantes e demais

trabalhadores pelo aumento abusivo de passagens... ou então, a adesão cada vez maior da visibilidade LGBTTRANS.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

Hoje percebo vários tipos de veículos: a) aquele mantido pelo grande capital e daí não é difícil imaginar que a função destes veículos é obliterar a ação e imagem dos movimentos sociais e sua importância bem como sua legitimidade em contestar o status quo (aqui valem os grandes jornais de circulação em escala nacional, as Tvs abertas...); b) a grande rede social, na qual se expressam os mais variados perfis e o controle do Estado ainda é raso, o que é ótimo pois temos aqui um terreno para o embate das emoções e do que eu chamo de uma *pedagogia da provocação constante*... aqui o sujeito entra “bolsomito” e tem a chance de se pensar vermelhinho....rsrsrs; vomita inverdades transfóbicas e ao menos é levado a ver que não está só no mundo e que não pode aprisionar “os outros” no seu preconceito... c) temos ainda e não menos importante, toda a mobilização produzida pelo conhecimento oriundos das universidades... a comunicação científica produzida nos seus periódicos, trabalhos de curso...

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

Não há dúvidas. Se um ET me perguntasse isso diria que temos uma rede de teve nacional, que tomou para si a autoridade de formatar e controlar as mentes, bem ao estilo 1984 (George Orwell), com toda a violência simbólica e não menos opressora de um veículo de comunicação que se torna um aparelho reprodutor do Estado e por síntese, seu mentor. Basta ver a forma como tal veículo criminaliza qualquer ato ou discussão em prol da demarcação de terras indígenas ou até mesmo, senão, sobretudo, da velha campanha nacional com tom persecutório sobre o MST...

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

Este é um exercício fácil: toda a pauta desta mídia (classista, racista, sexista, elitista...) versa sobre como “provar” que quem está por detrás dos movimentos sociais são pessoas desocupadas, vândalos improdutivos, oportunistas que não veem na livre concorrência a grande oportunidade para crescer na vida. São veículos de comunicação que invisibilizam pautas da diversidade sexual e étnico racial, distorcem os objetivos de encontros e caminhadas históricas – como a do

Acampamento Terra Livre.. Tais pautas já estão vendidas: para o agronegócio, para a grande indústria... Menos para um informativo livre e isento de manipulações cruéis e seculares... E o perigo está aí: como são veículos que atendem a grandes agentes econômicos com claros interesses políticos conservadores, eles possuem uma margem de manobra e manipulação de informação que exige que os movimentos sociais recrudescam suas ações e atividades. Trabalhem também em escala global. Integrem pautas municipais e regionais. Inovem nas mobilizações e, talvez o mais importante: não percam de vista planos e atividades de formação continuada para a base do movimento. Um bom exemplo são os movimentos sociais cuja pauta busca pela visibilidade e apoio aos povos quilombolas. Eles ainda existem? Demandam algo? Ou são tão somente herdeiros de um passado que não nos assombra mais? Quem pauta a existência dessas pessoas? Quilombos? Oba! O cara que vive isolado... Soa quase como uma visita a um zoo... Há alguns dias, o tal do Bolsonaro disse que “nem para procriar servem esses caras aí...” E “esses caras aí” quando muito conseguem ser vistos pela pauta universitária (projetos de extensão, pesquisa, elaboração de documentários...), porque na grande mídia mesmo a narrativa construída sobre esses povos originários, tradicionais é a da improdutividade, acomodação e donatários do Bolsa Família. Em síntese: pessoas que não contribuem para o desenvolvimento do país.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

Do que já acumulei de minhas viagens mundo afora, percebi algo que aqui não temos nem quando optamos por assistir a TV paga: na França por exemplo, não há jornalismo de *caras e bocas*; comentaristas comentam as perspectivas possíveis e não sua opinião... na Espanha há o fomento aos canais de base comunitária e jovem; no Chile e na Argentina a pauta universitária está sempre em voga... já aqui temos o império da imprensa marrom: sempre obscura, ocultista da verdade dos fatos. Sempre tenho a sensação de estar vivendo de frente para um jornalismo que em seu substrato persegue o pitoresco, grotesco e que conta com a miséria mental absoluta de seus leitores e ouvintes.

É como se nos dissessem diariamente que somos mulas anencéfalas e que só estamos aqui para carregar a carga que nos dizem ser a melhor. Na última cobertura sobre as manifestações que aconteceram no Brasil sobre a “reforma trabalhista” neste maio último de 2017, a grande imprensa em sua maioria noticiava que a população estava a depredar patrimônio público (ou seja, não eram trabalhadores, eram vândalos) que não era uma manifestação pacífica. Manifestação esta que afetou injustamente a grande indústria e o comércio. Já na França neste mesmo período, os jornais noticiavam como a classe trabalhadora se organizou para protestar

sobre a reforma da previdência e do trabalho. Não eram marginais, eram trabalhadores organizados.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

Ora, o mérito da imprensa, como nos ensinou Alexis de Tocqueville (em seu tratado sobre a Democracia na América - 1859) é de que ela é a única chance que temos de não sucumbirmos ao sonho da Democracia e de fato valorizarmos e zelarmos por essa capacidade de se gerar uma informação local com efeito global. É isto: a função da imprensa, a meu ver é promover a integração das ações sociais, coletivas, comunitárias. É integrar pautas, otimizar ações e custos, produzir a boa divergência de modo a alcançarmos a convergência criativa... Há tempo, ainda, será? De todo vejo que há novos canais de comunicação, novas mídias (Facebook, Instagram, Whatsapp) que promovem uma informação em tempo real e com muito dinamismo e isso é uma boa ajuda aos movimentos sociais que carecem muitas vezes de recursos para se articularem.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

